

CARTA

Uma carta aberta à minha mãe

Emily dos Santos Paranhos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)
dossantosparanhose@gmail.com

Querida Roseane Nascimento dos Santos, não sei se esta carta algum dia chegará até você, ou, se chegar, o que pensará ao lê-la. De qualquer forma, preciso escrevê-la, talvez mais para aliviar o que sinto do que para receber, de fato, uma resposta.

Meus sentimentos estão tão confusos quanto uma maré revolta após um pé d'água e, dentro do cerne do meu peito, as ondas se quebram umas sobre as outras, e o hiato que a sua ausência ocasiona-me se espalha como o sal que o mar deposita na areia.

Mãe, da mesma forma que a sua mente a consumiu, a saudade me preenche, provavelmente como o oxigênio deveria encher meus pulmões. Talvez seja por isso a falta de ar, o aperto no peito, a ansiedade de te ter longe. Quem sabe?

Mas, afinal, o que é essa dor que me consome? Os dicionários dizem que é um sentimento melancólico pela ausência de alguém ou de algum lugar, todavia, simplesmente enxergo-me incapaz de possibilitar-me de reduzi-la a uma definição tão rasa. Para mim, a saudade é a dor que se materializa entre o corpo e a alma, é o nó que aperta na garganta, ou então o sal que amarga as lágrimas. O eco angustiado do meu amor quando o teu não pode ser tocado.

Saudade é mais do que nostalgia: é amor em sua forma mais crua, vívida e, talvez, mais dolorosa. E o que sinto por você, mãe, excede a singeleza das palavras, destarte, não há idioma que comporte a intensidade do que carrego, pois um amontoado de letras jamais seria suficiente para expressar o que me habita.

Então, me perdoe, mãe. Por tudo o que eu disse, por tudo o que não disse, por tudo o que ficou preso entre o silêncio e o medo. Pois, se a materialização do amor desde o âmago ao tangível fosse exequível a realidade, nesse momento, o meu seria como zéfiro, trazido pelo vento, um carinho invisível, que se sente, mas não se vê. Está ali, mas não se toca, não enxerga.

Eu te amo, mãe, pois então que o vento te abraça em uma tarde quente, que mexa nos seus cabelos e toque na sua pele, e que nesse contato quase insignificante comparado a vida, você sinta, nem que por um segundo, minha presença contigo.

Quando fecho os olhos, perco-me em nefelibata, e dentro desse sonho, estamos em Candeias, nos 40, quando ensinou-me pela primeira vez o nome das flores da vovó no quintal. Infelizmente, hoje, lembro-me apenas de uma delas, Azaleia, que significa zelo, paixão e prosperidade.

Sendo assim, o maior dos meus desejos é que o jardim do seu peito encha-se delas, mãe, em uma utopia quimérica, onde marcescer é dubitável, e que você possa florescer como elas, sem medo, uma última vez nesta primavera quente e cheirosa de outubro. Com amor, sua filha.



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL8895-SMJZ

Recebido

16 de dezembro de 2025

Aprovado

18 de novembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Débora Meneses